So long Artur Aguiar

Eurico Mendes

A minha crónica desta semana é de pesar pelo falecimento do Artur Aguiar, de Bristol, RI, onde se tinha fixado em 1969, quando deixou o seu Pico da Pedra, na ilha açoriana de São Miguel, onde nasceu a 30 de novembro de 1943.

É provável que o leitor não conheça o Artur, que não era o que se costuma chamar de figura pública.

Não era político, mas era mais politizado do que a maioria dos políticos que conheço e havia nele uma decência indestrutível quando falava de política.

Também não era nenhum intelectual, embora fosse mais culto do que a maioria dos intelectuais que se pavoneiam por aí. Mas nem é isso que está em causa.

O mais importante é que o Artur era meu amigo. Possivelmente, o meu maior amigo.

Conheci o Artur em 1976, quando deixei o Jornal de Fall River e mudei para Bristol como editor do Azorean Times, a convite do António Matos, que as contingências tinham convertido em dono do semanário.

O Artur, cujo tio, Luís Martins, fazia a página portuguesa do Bristol Phoenix, onde o Azorean Times era impresso, começou a aparecer no jornal já nem sei porquê e desde o primeiro instante soube que seríamos amigos.

Tornámo-nos parceiros em dominicais e matinais passeatas no Colt State Park com a Lobata, cadela pastor alemão que o Artur tinha na altura.

Adorava cães e agora (influência do Bo de Obama) tinha um belo cão de água português oferecido pela filha, a Liza, e que também chamou de Lobata.

O Artur e eu falávamos de muitíssimos assuntos, que ele estava sempre a par de tudo, ou não fosse assinante do New York Times, do New Yorker, do Portuguese Times, claro, e fiel e atento ouvinte da TPR, a rádio pública de Rhode Island.

Falávamos às vezes de literatura ou não fosse irmão do Cristóvão Aguiar, um dos mais destacados autores açorianos da sua geração.

Por vezes recordava a terra natal e as folias de menino músico da Banda Aliança dos Prazeres.

Outras vezes as guerras portuguesas de África (passou dois anos em Moçambique).

Mas quase sempre falávamos de política e muitas vezes da comunidade portuguesa de Bristol,

onde a irmã Canelas, religiosa com preocupações sociais, procurava motivar a comunidade e com a qual o Artur chegou a colaborar.

Aderiu também a algumas cruzadas do dr. Luciano da Silva e do Raimundo Delgado, mas acabou por distanciar-se.

De mim, o Artur esteve sempre perto e foi quase um irmão ajudando-me com a sua amizade em quase todas as coisas importantes que me aconteceram.

Foi meu padrinho de casamento em 1985. Quando mudei para Newark, NJ, para trabalhar no Portuguese Post, conduziu o camião que transportou os meus tarecos. E quando regressei a New Bedford e ao Portuguese Times reatámos os encontros.

O Artur foi fazendo a sua vida tranquilamente, tornou-se proprietário de duas belas moradias em Bristol, e orgulhava- se do curso da filha.

A Liza Aguiar, que conheci menina, tornou-se médica (urologista) do Rhode Island Hospital e professora da Brown University em Providence. Casou com um colega, Bradley DeNardo e são pais do Carson Arthur DeNardo.

Com a alegria de um nétinho, o Artur tinha tudo para ser feliz, menos saúde.

O Artur, que eu conhecera saudável, nunca fumara, nem bebia e no verão nadava todas as manhãs umas quantas milhas na Narragansett Bay, começou a ter graves problemas cardíovasculares, o seu coração fragilizado tornou-se incapaz de bombear o sangue nos vasos sanguíneos.

Os médicos implantaram-lhe dois dispositivos que ajudavam o coração a manter o seu ritmo cardíaco, mas a situação foi-se agravando.

Há um ano visitei o Artur e já estava confinado ao leito e muito limitado.

Entretanto veio o coronavírus e nunca mais voltei a Bristol, mas falávamos ao telefone regularmente.

Artur telefonou dia 23 de fevereiro ao fim da tarde e foi o seu adeus, mas eu não soube entender a sua tristeza e o seu sofrimento.

Despedi-me dizendo que lhe telefonaria na sexta-feira, 26 de fevereiro, mas quem ligou foi a Bertinha, a esposa do Artur, cujo nome é Aldeberta Aguiar, mas que os amigos conhecem por Bertinha.

Casaram em 9 de agosto de 1971, no Porto. Bertinha foi breve, Artur tinha morrido no dia 25 de fevereiro, dois dias depois de eu ter falado com ele.

Fiquei como que atordoado. O meu mundo não será o mesmo sem o Artur Aguiar e não posso deixar de admirar a coragem com que ele enfrentou a morte.

Quando o organismo começou a falhar, aos problemas cardíacos sucederam-se outros e o Artur decidiu que o seu tempo neste mundo acabara e o melhor era desligar a maquineta que o mantinha vivo.

A família opôs-se, mas ele insistiu e, devido ao agravamento do seu estado, levou a melhor e, entretanto, ele próprio tratou para que o corpo fosse entregue a uma universidade.

Entretanto, começou a telefonar a familiares e amigos nos EUA e em Portugal, a despedir-se. Terei sido dos últimos.

Um dia depois do meu telefonema, o Artur foi conduzido a uma clínica de Providence, acompanhado da esposa, da filha e do genro, e horas depois faleceu. Tinha 77 anos. O corpo está numa universidade de Providence, mas depois será cremado e as cinzas serão entregues à família.

Nessa altura, a família pensa juntar os amigos e as cinzas serão lançadas à Narragansett Bay, onde o menino do Pico da Pedra vai nadar eternamente.

FBI deteve funcionário da Casa Branca pela invasão ao Capitólio

Foi detido durante o dia de ontem, na Virgínia, um funcionário do ex-Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump devido à invasão ocorrida no passado dia 6 de Janeiro ao edifício do Capitólio.

Federico Klein, de 42 anos de idade, trabalhou na Administração do anterior Presidente, mais precisamente no Departamento de Estado no início de 2017.

O detido serviu no Corpo de Fuzileiros Navais no Iraque, antes de se juntar como na analista na campanha presidencial em 2016. No Verão de 2020, foi referenciado para o Gabinete de Assuntos do Hemisfério Ocidental do mesmo departamento.

Três centenas de pessoas já foram acusadas pelo tribunal federal, mas Klein é o primeiro detido com ligações à Administração de Donald Trump a enfrentar acusações em virtude do ataque

Recorde-se que a 6 de Janeiro, uma multidão pró-Trump invadiu o Capitólio com o objectivo de impedir o processo de certificação do resultado das eleições que decorria nas duas câmaras legislativas, visto que o mesmo viria a dar vitória ao actual Presidente, Joe Biden. Levou cerca de quatro horas até a situação estar controlada e o recolher obrigatório foi decretado entre as 18horas e as 6horas locais.

Na altura, a polícia do Capitólio revelou que os apoiantes de Trump utilizaram substâncias químicas enquanto se encontravam no edifício. Para além disso, foi descoberta uma viatura no terreno do mesmo com uma espingarda e cerca de dez bombas incendiárias. No ataque, cinco pessoas faleceram, quatro apoiantes do ex-Presidente e um polícia. No entanto, dias após a invasão, dois polícias que estiveram envolvidos nas agressões suicidaram-se.

Tendo sido um ataque nunca antes visto, foi severamente condenado Joe Biden e os ex-presidentes Barack Obama e Bill Clinton. Donald Trump foi acusado de incitar a invasão, mas veio a ser absolvido de "impeachment".